



Intróito

“A poesia da história repousa no fato quase milagroso que, por esta mesma terra, por este mesmo chão familiar, já caminharam outros homens e outras mulheres, tão reais quanto nós, com pensamentos próprios e levados pelas próprias paixões (...) G.M. Trevelyan”.

Os lugares vividos são como presenças ausentes. Aquilo que se aponta designa o que não é mais, como se diz ‘você vê, aqui havia...’. Mas aquilo não se vê mais. Os demonstrativos históricos, nós remetem as identidades primitivas invisíveis do vivido: é a definição mesma do lugar, e é exatamente esta definição, que nos levou a desvendar a pré-história da Genesis do Café.

Na Etiópia ainda existem Cafeeiros Nativos

Em Áreas de Florestas

Não Plantados pelo Homem.



Figura 1 Sua Majestade imperador Haile Salassie



Figura 2 Senhor Lema Legide e sua filha Fasika Lema
À sombra de árvores cafeiras nativas, na Floresta da Etiópia.
Foto: Ben Corey-Moran, 2008



Figura 3 Senhora Lema



1. A Genesis do Café

A Etiópia foi um dos primeiros países cristãos no mundo, tendo oficialmente adotado-a como religião do Estado no século IV. O país ainda tem uma maioria cristã, porém um terço da população é muçulmano. A Etiópia é o sítio do primeiro Hégira na história islâmica e da mais antiga população muçulmana na África, em Negash. A nação também é o berço espiritual da



Figura 4 Donna Caro (Oromo)

religião Rastafari. Até os anos 1980, uma população significativa de judeus etíopes residiu na Etiópia. Além disso, o país tem, ao todo, cerca de 80 grupos étnicos diferentes hoje em dia, com o maior sendo o Oromo, seguido pelos Amhara ambos, os quais falam línguas afro-asiáticas. O país também é famoso pelas suas igrejas talhadas em pedras e como lugar onde o Grão de Café se originou. A palavra Etiópia, cujo uso mais antigo aparece na Bíblia em Gênesis, capítulo 2,13 como o lugar onde Adão e Eva viveram. E também em Ilíada, onde o nome aparece duas vezes, e em Odisseia, onde aparece três

vezes. O uso mais antigo atestado na região é um nome cristianizado do Reino de Aksum no século IV, em escrituras de pedra do Rei Ezana. Pesquisadores etíopes recentes e o poeta laureado Tsegaye Gabre-Medhin, traça o nome às palavras "egípcias, velhas e negras": Et. (Verdade ou Paz), Op (Alto ou Superior) e Bia (Terra ou País), sendo Etiópia a "terra de paz superior". No português e geralmente fora da Etiópia, o país também foi historicamente chamado de Abissínia, derivado de Habesh, uma forma árabe do nome etíope-semítico Ḥabašāt, atualmente Habesha, o nome nativo para os habitantes do país (enquanto o país era chamado de Ityopp'ya). Em poucas línguas, Etiópia ainda é referida por nomes cognatos com Abissínia, por exemplo, à palavra árabe Al-Habashah, que significa terra do povo Habasha. A Etiópia também foi conhecida por ser considerada a terra dos Cush. O nome foi originalmente



Figura 5 Povo de Cush

derivado do hebreu, para referir-se às nações da costa leste do Mar Vermelho. No entanto, a Bíblia é clara ao alegar que os povos Cush são atualmente etíopes. Quando Moisés referiu-se ao povo de Cush, ele se referia a uma nação de parentes dos egípcios. Por causa das relações políticas próximas do Egito e a Etiópia, ambas as nações, em um ponto da história sob o termo Cush, concordaram com os historiadores hebreus. Embora as intenções originais da palavra fossem em referência a ambos os lados do Mar Vermelho, ficou demonstrado que parte da Costa Leste não pertence à Pré-história. **Cuxe**

(também **Cush**, **Cus**, ou **Kush**) é um personagem bíblico do Antigo Testamento, mencionado em Gênesis 10:6 como o primeiro filho de Cam, sendo



portanto, neto de Noé e irmão de Mizraim, Pute e Canaã, pertencendo a raça camita. De acordo com o texto da Bíblia, Cuxe teria sido pai de Sebá, Havilá, Sabtá, Raamá, Sabtecá e o poderoso Nimrod. Cuxe, junto com seu irmão Pute, foi o fundador dos povos africanos de tez escura. Os descendentes de Cus habitavam o lugar que a bíblia chama de " Terra de Cus" (gên. 2:13). Não é possível hoje identificá-la, visto que os descendentes dele habitaram a África e sul da arábia. Todavia, os antigos gregos os chamavam de "Etiópes" (*faces queimadas* ou *faces negras*). Mais tarde os termo Cus passou a restringir-se á Etiópia. Cush foi o local do Jardim do Éden. Genesis 2: 11-14 - "Um rio saía do Éden para regar o jardim, e de lá se dividia em quatro braços. O primeiro chama-se Fison: é aquele que rodeia toda terra de Hévila, onde existe ouro; e o ouro dessa terra é puro, e nela se encontram também o bdélio e a pedra de ônix. O segundo rio chama-se Geon: ele rodeia toda a terra de Cush. O terceiro rio chama-se Tigre e corre pelo oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates." Nos escritos do Antigo Testamento, Cush é conhecido também por Núbia e muitas vezes citado como Etiópia. Da civilização cushita, originaram-se os egípcios, após as migrações endereçadas ao norte do continente africano. Os historiadores gregos Homero e Heródoto deixaram registrados que os cushitas povoaram o Egito, a Arábia, a Palestina, a Ásia Ocidental e a Índia. Foram considerados, por Heródoto, como os mais altos, os mais bonitos; de maior longevidade entre as raças humanas e os mais justos dos homens. São citados nos anais de todas as civilizações. A arte de embalsamento, pelo qual são famosos os faraós egípcios, teve sua origem na civilização Cushita. O Império de Cush construiu três vezes mais pirâmides que os egípcios e possuíram a cerâmica mais bela do mundo, assim considerada por todos os povos, inclusive os gregos. A economia cushita era baseada em pedras preciosas, madeira de ébano, marfim, café e também diversos produtos que contribuíram decisivamente para a manutenção e crescimento da civilização egípcia. A 25ª dinastia do Egito é conhecida como dinastia etíope, em 712 a.C., porque o Egito foi conquistado pelo Império Cushita que governaram o Egito e a Núbia. A primeira capital do Império Cushita foi à cidade de Kerma, anterior a 5.000 a.C, considerada a cidade mais antiga da África, cujo tamanho compreendia 62 acres e possuindo mais de 200 casas, e edifícios maciços do tijolo que foram devotados ao comércio e às artes, com um templo e um palácio. A segunda capital foi Napata, um centro sagrado e devotado aos deuses. O templo fundado em Jebal Barkal, uma montanha sagrada, transformou-se na fonte de reivindicações de Núbia ao trono egípcio. Os reis de Núbia invadiram o Egito e estabeleceram a 25ª dinastia. Eram os mestres do mundo. O império de Núbia abrangeu a Síria no norte à Núbia no sul. Os reis de Núbia ajudaram o estado de Israel em seu esforço de guerra contra os Assírios. A terceira capital foi Meroé, a sua linhagem real durou mil anos. A cultura de Núbia em Meroé combinou tradições egípcias. As mulheres tiveram papel proeminente na sociedade cushita, ocupando posições de poder e prestígio. Ao contrário das rainhas do Egito que possuíam o poder derivado dos seus maridos, as rainhas de Cush eram governantes independentes. Cush era uma sociedade matriarcal no período de Meroé. Os



historiadores acreditam que em Meroé, uma das capitais do império cushita, nunca um homem reinou. O título de Candances para as rainhas foi originado do vocábulo 'kentace', e existiu por mais de quinhentos anos. Quatro dessas rainhas: Shanakdakete, Amanirenas, Amamishakete, Amamitere foram guerreiras temidas e comandaram seus bravos exércitos.



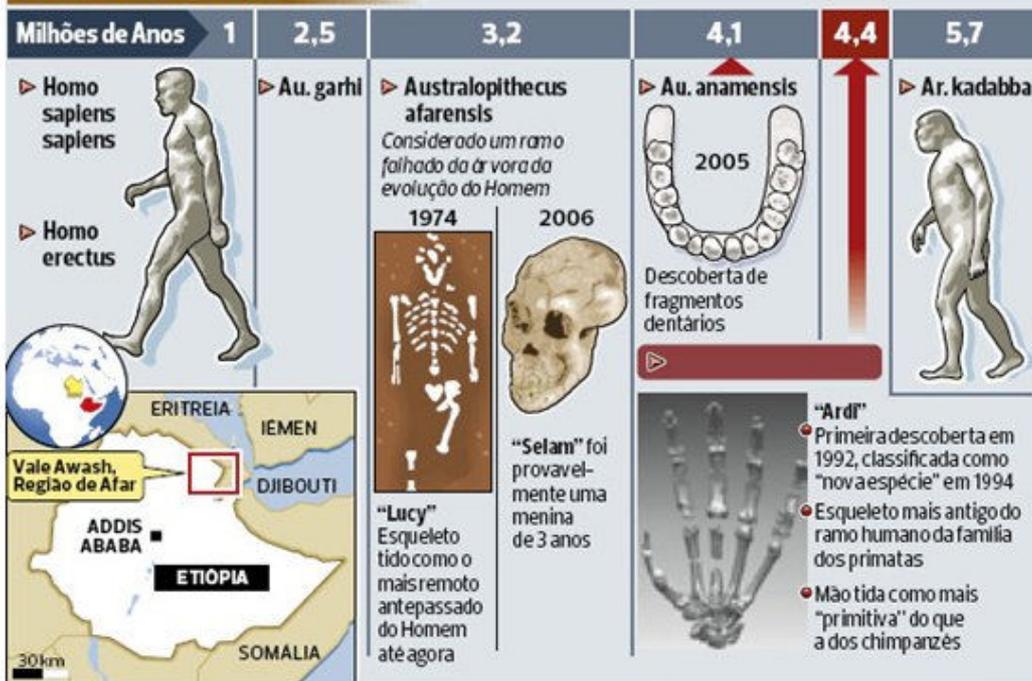
Figura 6 Obelisco em Aksum; Figura 7 Portal do Reino de Aksum; Figura 8 Ethiopia O Reino de Aksum; Figura 9 Arca da Aliança, se encontra em Aksum; Figura 10 Moeda Kush; Figura 11 Moeda em ouro Aksum; Figura 12 Mapa da Civilização Aksum; Figura 13 Rei Hicsos; Figura 14 1844 – Rei Menelik II Etiópia; Figura 15 Árvore Cafeeira Nativa na Floresta da Ethiopia; Figura 16 Descendente do Povo Kush; Figura 17 Egipto Louvre Offrande.



Figura 18 Mapa Aksum

O *Ardipithecus kadabba* é um hominídeo fóssil descoberto em 2001 pelo paleoantropólogo etíope Yohannes Haile-Selassie na depressão de Afar, noroeste da atual Etiópia. Estima-se que esta espécie viveu entre 5,54 e 5,77 milhões de anos atrás.

Descobertas do Vale de Awash



FONTE: NATURE/MAP/SCIENCE

© AFP

Figura 19 A Etiópia é considerada uma das áreas mais antigas de ocupação humana do mundo, senão a maior, de acordo com algumas descobertas científicas. Lucy,



descoberta no Vale de Awash da região Afar da Etiópia, é considerado o segundo mais antigo, mais bem preservado e mais completo fóssil adulto Australopithecus. A espécie de Lucy é chamada de Australopithecus afarensis, que significa 'macaco do sul de Afar', região da Etiópia onde a descoberta foi feita. É estimado que Lucy tenha vivido na Etiópia a 3,2 milhões de anos atrás. Houve várias outras descobertas notáveis de fósseis no país, incluindo o fóssil humano mais velho, Ardi.



Evolução do Homem

Figura 20 Evolução do Homem

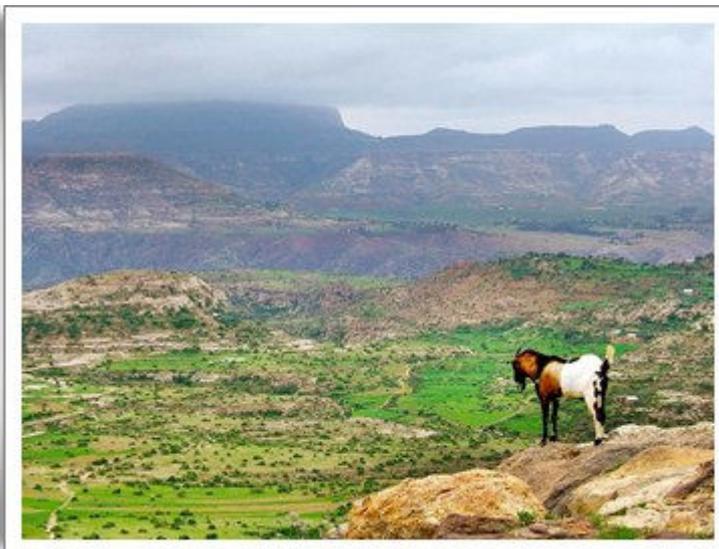


Figura 21 Quem teria sido o primeiro a experimentar a Fruta do Café: Lucy ou a Cabra?



A Etiópia é um dos países mais antigos do mundo e destoa no continente africano por ser independente praticamente desde sua formação, exceto por um período de cinco anos de ocupação italiana, à época de Benito Mussolini. Os italianos foram expulsos em 1941, com apoio da Inglaterra, mas conseguiram levar mudas de café, e mais tarde introduziram o café na Europa. Foi, então, reconduzido ao poder o imperador Hailé Selassié (nascido Tafari Makonnen), reconhecido internacionalmente pelas denúncias contra o fascismo e declarações eloqüentes a favor dos direitos dos negros; voz ativa em organizações globais, como a Liga das Nações, e tido pelos adeptos da doutrina rastafári (Príncipe Tafari) como o “messias negro” ou o deus encarnado, Jah. O ciclo de poder de Selassié, iniciado originalmente em 1930, perdurou até sua deposição em 1974, aos 82 anos de idade. A gestão ditatorial e a incapacidade do imperador em lidar com a corrupção e a recorrência da seca e dos quadros de fome extrema dela decorrentes impulsionaram a tomada do poder por uma junta de governo de inclinação marxista. Os expurgos políticos, perseguições, confisco de propriedades e explosão do gasto com armamentos perpetrados pelos comunistas acabaram por desorganizar a economia do país, conseguindo, juntamente com levantes internos e invasões por países vizinhos, piorar o quadro sócio-econômico. Em 1991, a junta foi derrubada por uma coalizão rebelde que instituiu a República Federal Democrática da Etiópia. Meles Zenawi, um dos líderes da guerrilha, foi conduzido ao poder provisoriamente e, em 1994, participou ativamente do processo de montagem da constituição, que dividiu o país em regiões/estados de acordo com critérios étnicos. Eleito primeiro-ministro pela primeira vez em 1995, Zenawi, originalmente marxista-leninista, é hoje forte adepto do livre mercado e está, desde 2005, no seu terceiro mandato, apesar das denúncias de fraude e perseguição de opositores que pairam sobre sua última eleição. Em 1993 a região da Eritreia, ao norte do país, obteve sua independência, mas disputa pela fronteira, nunca propriamente demarcada, foi motivo de guerra entre os dois países, de 1998 a 2000, e continua gerando tensão. Com a emancipação da Eritreia, a Etiópia deixou de ter acesso ao mar, usando como principal porto exportador o do país vizinho Djibouti, por onde são embarcados 99% do café vendido ao exterior. O 1% restante é exportado pelo porto de Assab, na Eritreia. A distância de cerca de 800 km entre Adis Abeba e o porto de Djibouti é coberta por uma linha férrea, a qual está em processo de ampliação da capacidade de transporte. Além das tensões com a Eritreia, o governo etíope enfrenta grupos separatistas nas regiões de Afar, Oromo e Jijiga. Por conta do suporte dado a estes últimos grupos, a Etiópia interveio por dois anos na Somália para apoiar a deposição do governo islâmico, tendo iniciado a retirada de suas tropas neste início de 2009. Os conflitos armados e a fome fizeram com que haja mais de 100.000 refugiados dos países vizinhos - Sudão, Somália e Eritreia - vivendo na Etiópia. Há também refugiados etíopes no Sudão, cuja repatriação se arrasta há alguns anos. Muitos etíopes migraram para a Europa e até para os Estados Unidos, mas, nestes casos, suas remessas de recursos ajudam a amenizar a pobreza do país. A Etiópia é um dos países mais pobres do mundo, com PIB de apenas 19,4 bilhões de dólares e renda per



capita de 200 dólares. Sua população de mais de 79 milhões de habitantes é a terceira maior do continente, atrás apenas da Nigéria e Egito e apresenta taxa de fertilidade de mais de 05 filhos por mulher, expectativa de vida de 52 anos e mortalidade infantil de mais de 12% até cinco anos de idade. O idioma oficial do país é o amárico, com mais de 83 línguas, 200 dialetos e 08 grupos étnicos: Oromo, Amharas, Trigrayans, Sidama, Somali, Afar, Gurage e Harrari. Os recorrentes quadros de seca extrema, principalmente nas regiões mais baixas do país, levam a períodos de severa escassez de alimentos. Além dos índices de desnutrição de até 46% da população, como verificado entre 2000 e 2003, a restrição de oferta de produtos alimentares esteve historicamente associada a repiques inflacionários e períodos de baixo crescimento do PIB. Passada a última forte seca, de 2002/2003, a Etiópia vinha experimentando um período de crescimento econômico acentuado com taxa média anual de elevação do PIB de 11%, desde 2004. A fase positiva foi impulsionada por uma política monetária expansionista e pelo aumento nos gastos estatais, especialmente nos setores elétrico, de telecomunicações e de transportes. Tal política levou a um grande aumento na liquidez interna do país, resultando em forte impulso na demanda por bens e serviços. O aquecimento da demanda revelou-se muito mais forte que a capacidade de aumento da produção do país. Além dessa disparidade, a alta das cotações internacionais das commodities trouxe a elevação dos preços internos dos derivados de petróleo e dos alimentos, fortalecendo uma espiral inflacionária que atingiu a casa dos 40% ao ano em meados de 2008. O birr, moeda etíope, sofreu uma desvalorização nominal frente ao dólar de mais de 16% entre o início 2003 e julho de 2008. No entanto, com a inflação batendo na casa dos 40%, o que ocorreu foi uma valorização real de 19% do birr, certamente atenuando os impactos positivos que as boas cotações internacionais do café verificadas no primeiro semestre de 2008 poderiam ter tido na cadeia produtiva do café etíope. Desde agosto passado, quando a crise mundial se agravou, o birr se desvalorizou nominalmente pouco mais de 2% e, como as cotações internacionais do café caíram 20% no período, a rentabilidade do café etíope está sendo ainda mais pressionada. A Etiópia apresenta baixa exposição direta aos fatores desencadeadores da crise mundial por não ter um sistema financeiro integrado globalmente. Apesar disso, há análises apontando para efeitos negativos sobre o país, devido à restrição do crédito internacional que ajudava a irrigar os empréstimos governamentais; à diminuição das remessas dos imigrantes e também pelo fato de que as verbas para ajuda humanitária estão entre os primeiros itens cortados pelos países desenvolvidos, em situações de restrição orçamentária. A Etiópia é o Berço da Cafeicultura Mundial, centro de origem do café arábica e foi o primeiro país a exportar café. Mesmo a palavra café deriva do nome da região etíope de Kaffa. Atualmente disputa com a Índia o posto de quinto produtor mundial e são o maior produtor do continente africano, com produção anual na casa das cinco milhões de sacas de café, todas de arábica. Considerando-se apenas essa espécie, o país é terceiro maior produtor mundial. Há basicamente três sistemas de produção na cafeicultura do país, que se distribui entre: Forest Coffee (natural) – 50%, Gardening Farm (agricultura familiar) - 40% e



Coffee Plantation – 10% (big farms, fazendas maiores, projetos empresariais). Uma significativa parcela da produção etíope ainda advém de Cafeeiros Nativos existentes em áreas de floresta, não plantados pelo homem. Nestas áreas a exploração é quase que extrativista e, mesmo no restante das lavouras, o uso de insumos é muito limitado e o cultivo feito sob sombra. Tais condições levam à baixa produtividade média do país, de 8,5 sacas por hectare. A cadeia produtiva do café tem um peso sócio-econômico muito grande no país. Há estimativas de que até 25% da população etíope seja direta ou indiretamente envolvida com a cadeia do café. O café é o principal produto de exportação do país. As receitas, estimadas na casa dos 500 milhões de dólares em 2007/08, respondem por 35 a 40% das vendas externas da Etiópia. Há cerca de 1.200.000 milhão de cafeicultores na Etiópia, com uma média de pouco menos de 4,2 sacas por produtor. A cadeia produtiva do café etíope é extremamente demandadora de mão-de-obra. Até atividades como a seleção por cor do café nas unidades de benefício ainda são feitas manualmente. O governo detém a posse de todas as terras na Etiópia e faz a cessão do direito de seu uso por meio de contratos de arrendamento de longo prazo (até 200 anos). Esse sistema impede que as terras sejam utilizadas como garantia para financiamentos. Além dos pequenos produtores, que predominam enormemente, algumas poucas empresas possuem empreendimentos de cafeicultura. Suas fazendas são mais tecnificadas, apresentando produtividade bem acima da média. Devido à impossibilidade de uso da terra como garantia real, esses grupos, comumente, têm outras atividades, cujos lucros são investidos no setor cafeeiro. Outros têm participação de investidores estrangeiros, como, por exemplo, uma companhia americana que está investindo 50 milhões de dólares num projeto que abrange desde o plantio até a torrefação de café. Apesar de ser produzido apenas, o café arábica, não há bienalidade de produção tão definida como no Brasil. A safra vai de outubro a dezembro, com colheita manual e seletiva. As regiões cafeeiras etíopes situam-se em altitudes entre 1200 e 2100 metros, em dois grandes platôs, margeando o Great Rift Valley (depressão que corta o lado leste da África). Nestas regiões altas chove bastante e os problemas com seca são bem menos severos que em outras áreas do país, principalmente aquelas nas quais se produz grãos. A produção em altitudes elevadas propicia a obtenção de cafés de qualidade superior, sendo os cafés das regiões de Yirgacheffe, Sidamo, Harrar, Limu e Wollega reputados entre os mais finos do mundo. Há processamento tanto de café por via natural como por via úmida, com predominância da primeira forma. Nos dois casos, a maior parte da secagem é feita ao sol, em terreiros ou bandejas suspensas, pois ainda há relativamente poucos secadores no país. Mas, além da falta de secadores, há problemas devidos à alta umidade nas precárias condições de armazenamento do café nas propriedades rurais, onde a permanência do produto é limitada há no máximo 15 dias. O café natural é enviado em coco para os beneficiadores (na sua maioria compradores regionais, conhecidos como Akrabies, e alguns prestadores de serviço), cujas instalações ficam na zona rural. Normalmente, os pequenos produtores etíopes que processam seu café por via úmida têm despoldadores manuais, boa parte deles recebidos através de



programas de ajuda externa, e fazem a secagem do pergaminho. Nesse caso, o pergaminho seco é enviado para os beneficiadores finais, localizados na capital Adis Abeba. Os Akrabies consolidam lotes, geralmente de 10 toneladas, de café bica corrida e os comercializam com os exportadores, que fazem o re-benefício e padronização do produto para exportação, segundo as normas da Autoridade de Chá e Café do Ministério da Agricultura – Coffee and Tea Authority. Os cafés lavados etíopes são geralmente vendidos com prêmios médios sobre a cotação do contrato C de Nova Iorque de 30 centavos de dólar por libra peso (39,68 dólares por saca), havendo casos de valorização muito maior. Para os naturais, o padrão é deságio de 15 cents em relação à Nova Iorque, mas também há exceções, com prêmios semelhantes aos praticados para os lavados, com destaque para o Harrar, que tem sobre preço na Alemanha e Japão e é considerado um dos melhores naturais do mundo. O setor exportador de café da Etiópia viveu seu apogeu nos últimos anos do reinado do imperador Selassié. A comunidade exportadora era vasta, rica e muito influente. Tal cenário foi desmontado pela revolução comunista. Aos exportadores privados, que chegaram a ser reduzidos a apenas oito firmas, no final dos anos 80, restou à parcela de 5% das exportações, já que 95% do café passaram a ser exportado pela estatal Ethiopian Coffee Marketing Corporation, ECMC. Após a queda do regime comunista, o setor foi novamente liberalizado e a ECMC substituída pela Ethiopian Coffee Export Enterprise, ECEE, re-estruturada e sem a pretensão de ser monopolista. Com isso, já em 1999, 90% do café voltaram a ser exportado por empresas privadas, cujo número, atualmente, passa de cem. O processo histórico de formação da cafeicultura etíope, com suas deficiências de logística e infra-estrutura, associadas, mais recentemente, à restrição do acesso à posse da terra, é determinante para a predominância muito forte da pequena produção, com baixo nível de adoção de tecnologia e baixa produtividade. Tal configuração favorece naturalmente a opção de busca de rentabilidade por meio da diferenciação do produto como specialty e/ou certificado como orgânico ou sustentável. Apesar da produção total do país ser substancial, a escala de cada produtor é muito pequena e aumentos significativos de produtividade teriam que advir de mudanças radicais nos sistemas de cultivo. A Etiópia é um dos países exportadores nos quais os preços pagos aos cafeicultores representam percentuais mais baixos dos preços FOB. A escala muito pequena de produção favorece a atuação de grande número de intermediários que agrupam volumes de café e repassam a intermediários maiores, até que o produto chegue ao sistema mais formalizado de comercialização, o qual se concentra em Adis Abeba e Dire Dawa. Além do reconhecimento internacional da qualidade de seus cafés, a cafeicultura etíope conta também com o apelo socialmente responsável, quase humanitário, por ser a maior atividade econômica de um país extremamente pobre, com IDH de 0.389 (na escala de zero a 1,0) que o coloca na 169ª no total de 179 países pesquisados. Também o aspecto ambiental favorece a imagem do café etíope, pois, a própria limitação da adoção de tecnologia, e até a existência de extrativismo, são concomitantes a pequenas alterações no meio ambiente. O café etíope é produzido seguindo muitos dos preceitos da



agricultura orgânica e/ou ambientalmente sustentável, talvez não por opção, mas sim por falta de alternativas. O aporte quase que nulo de insumos, mesmo com baixa produtividade, acaba provocando o esgotamento do solo, comprometendo, em longo prazo, a sustentabilidade econômica e ambiental. De todo modo, o sistema de produção etíope tem tudo para se beneficiar da crescente valorização dos conceitos de sustentabilidade, que não existiam quando do seu estabelecimento. Há projetos de ONGs internacionais relacionados com o café, embora não tão expressivo quanto em outros países como, por exemplo, o Peru. Os prêmios de preço são uma forma de aumentar as receitas dos produtores, acrescentando cerca de 170 dólares à renda anual do produtor médio do país (40 dólares por saca vezes 4,2 sacas por produtor). Os trabalhos das ONGs são predominantemente voltados para o apoio a cooperativas, através das quais os recursos aplicados podem atingir um número maior de produtores. Sua atuação também na comercialização de café, reduzindo o número de intermediários, possibilita que cafeicultores se apropriem de um percentual maior do preço FOB do café. Ainda à época de Selassié, foi desenvolvido um sistema peculiar de comercialização de café, que continua vigente até hoje. O produto comprado pelos inúmeros intermediários é coletado regionalmente pelos Akrabies, disponibilizado em lotes de 10 toneladas e transportado para centros de leilão, localizados em Adis Abeba e Dire Dawa, onde são vendidos, literalmente, sobre os caminhões. Os vendedores registram seu preço mínimo e as características dos lotes, as quais, num prazo máximo de seis meses, servirão de base para as licenças de exportação a ser concedidas pelo Banco Nacional da Etiópia. Inicialmente, os exportadores também eram obrigados a registrar no Banco Nacional os preços mínimos pretendidos para o produto das licenças solicitadas, mas tal exigência foi extinta, no sentido da liberalização do mercado. Desde novembro de 2002, o governo publica um preço mínimo, mas este serve, na realidade, apenas como mero indicador, já que o próprio mercado tem se auto-regulado. Outra exigência do Banco Nacional, visando garantir o registro da entrada de dólares, é de que o pagamento das exportações seja feito por meio de cartas de crédito registradas. Apesar de sua aparente tibieza e da burocracia envolvida, o sistema funciona relativamente bem e 90% do café exportado pela Etiópia passa pelos leilões. Mas, como uma forma de avançar na liberalização da comercialização, o governo abriu, já há algum tempo, a possibilidade de venda direta de certos cafés especiais sem ingresso no sistema de leilões. O passo seguinte, que almeja ser um grande avanço no caminho da modernização da comercialização, foi o início, em final de novembro passado, da venda de café através da Ethiopia Commodity Exchange (ECX, Bolsa de Commodities da Etiópia). Por esse novo sistema, ao invés de vendidos nos caminhões, os lotes padronizados são depositados em armazéns operados pela ECX, onde são aferidos e classificados, e o que é leiloado são os certificados de depósito. A classificação e padronização prévia visam reduzir os conflitos e descontos que decorriam da não fidedignidade dos lotes comercializados pelo sistema antigo. Atuam na ECX tanto produtores, como Akrabies, compradores para o mercado interno e



exportador. O sistema preza pela transparência, não há obrigatoriedade de registro de preços mínimos e ambas as partes, vendedor e comprador, são livres para fazer ofertas de preço no momento do pregão. No sentido de fazer com que os preços praticados na ECX tornem-se referência mesmo para o café vendido fora da bolsa, foi montado um sistema de disseminação de informações em tempo real. Há monitores distribuídos em locais públicos de Adis Abeba e outros centros de comercialização agrícola, além de haver um esquema regular de distribuição de tais informações para a imprensa. Na ECX há vinte e quatro contratos padrão de café, de acordo, basicamente, com a origem, o preparo e a destinação do café. A explicitação (enfática) da origem do café nos contratos coaduna com outra iniciativa em curso na Etiópia, também voltada para a valorização do produto local, particularmente no nicho de cafés especiais. Em 2004, um grupo chamado The Ethiopian Fine Coffee Stakeholder Committee (Comitê dos Cafés Finos Etíopes), composto por cooperativas, exportadores privados e o Instituto Etíope de Propriedade Intelectual criou a Iniciativa de Registro de Marcas e Licenciamento do Café da Etiópia. A idéia é registrar marcas referentes às principais origens de café etíope e fazer acordos com importadores e varejistas que explicitarão a origem etíope nos seus produtos finais. Não há pagamento de royalties pelo uso das marcas e sim o compromisso dos parceiros em contribuir com ações para sua divulgação. Busca-se trazer transparência à cadeia de valor, aproximar os elos da cadeia, criar uma rede global de distribuição, garantir que apenas produto realmente produzido no país seja vendido como tal e, como resultado da conjunção destes objetivos, possibilitarem que os produtores etíopes se apropriem de uma parcela maior do preço de venda de seu produto no varejo, o qual se espera que também se valorize como resultado do programa. O desenvolvimento da rede global de distribuição também é encarado como um caminho para enfrentar as limitações de verba para divulgação do café da Etiópia. Até fevereiro de 2007, mais de 60 companhias estrangeiras, 47 exportadores etíopes e três associações de produtores já haviam assinado acordos de licenciamento e as marcas Yirgacheffe, Harrar, e Sidamo já estavam registradas nos principais mercados mundiais. Houve sim, uma dificuldade nos Estados Unidos onde a Starbucks acionou a NCA (Associação Nacional do Café) para entrar com um pedido de objeção ao registro das marcas, visto que a rede varejista já as utilizava. A contenda se arrastou até junho de 2007, quando as partes chegaram a um acordo segundo o qual a rede de cafeterias reconhece o direito de posse das nomenclaturas para os etíopes, mesmo nos mercados onde estas ainda não sejam marcas registradas. A Starbucks poderá distribuir os cafés etíopes mundialmente, o que os responsáveis pelo licenciamento acreditam ter forte poder de disseminação dos conceitos de suas marcas, podendo levar a valorização de seu produto, que a rede de cafeterias comprava, em 2007, pelo preço médio de 142 centavos de dólar por libra peso. Ainda é forte no país a tradição da cerimônia do café, conduzida sempre pelas mulheres. Os grãos são torrados, depois finamente triturados num pilão e faz-se sua infusão num recipiente chamado jerbena. O café é servido e a jerbena é novamente cheia com água e volta ao fogo com o mesmo pó, mais



duas vezes. O costume determina que sejam tomadas pelo menos três xícaras, já que, o café fica mais claro e menos encorpado a cada fervura e, segundo a crença religiosa, a terceira xícara conteria bênçãos. É usual também se colocar uma folha de arruda na xícara de café. Nos centros urbanos há consumo e comércio de café torrado e moído à maneira ocidental, mas o comércio de café verde e o consumo na cerimônia tradicional ainda têm um papel muito importante na cultura local. Além disso, o café, já torrado e moído, é misturado com manteiga, fazendo-se biscoitos, consumidos pela população como estimulante. O café é muito presente na vida dos etíopes e seu custo é acessível à população, o que leva o consumo interno do país a representar uma parcela significativa da produção. Apesar de todas as exportações serem, em tese, registradas no Banco Nacional de Etiópia, não há um sistema estruturado de estatísticas de produção. Segundo as estimativas do Ministério da Agricultura, a produção foi de cerca 4,1 milhões de sacas de 60 quilos em 2001/02 e vem crescendo paulatinamente, tendo atingido cinco milhões de sacas em 2005/06. Este número teria se mantido em 2006/07, se elevado para 5,5 milhões em 2007/08, com perspectiva de estabilização em 2008/09. Recentemente, o Escritório para Coordenação de Assuntos Humanitários da ONU divulgou um relatório com previsão de quebra de safra de 60% devido à seca, o qual foi prontamente rechaçado pelo Ministério da Agricultura, com base na alegação de que as áreas produtoras de café ficam nas regiões menos suscetíveis à estiagem. Vale ressaltar que a consultoria alemã F. O. Licht também previu quebra significativa para esta safra, que fecharia em 4,2 milhões de sacas. Por sua vez, o USDA (Departamento de Agricultura dos EUA) aponta para 5,0 milhões em 2007/08, com manutenção do mesmo número em 2008/09. O aumento de 22% na produção etíope desde 2001/02 não é, de forma alguma, desprezível. Mas a tendência de crescimento já dá sinais de ter arrefecido e, se há potencial para novos aumentos, também é de se esperar que estes levem os gargalos de infra-estrutura e logística a se exprimir cada vez mais. Aumentos mais significativos na produção e na produtividade média só devem ocorrer caso cresça o número de empreendimentos empresariais na cafeicultura, quer de etíopes ou de capital estrangeiro. Os pequenos produtores não têm acesso a crédito, tampouco tradição e afinidade com uso de tecnologia, além de que, nos períodos de preços mais baixos, parte deles migra para o cultivo de khat, um narcótico leve originário da Etiópia, cuja rentabilidade é bem maior que a do café. O consumo per capita de café na Etiópia, de 1,4 kg por ano, nominalmente baixo, pode ser considerado relativamente alto, levando-se em conta a baixa renda da maior parte de sua população. Tal número torna-se possível devido ao baixo preço interno do café no país e é suficiente para que algo entre 1,5 e 1,75 milhão de sacas sejam consumidas internamente. Esse volume representa entre 30 e 35% do café produzido no país, percentual bastante significativo. Os 65 a 70% restantes, 3,25 a 3,5 milhões de sacas, são exportados, tendo gerado receitas acima de 500 milhões de dólares em 2006/07. Os principais importadores são Japão, Alemanha, Arábia Saudita, Bélgica, França, Itália e Estados Unidos. A maior parte das exportações ainda é de cafés naturais, mas os lavados, com ou sem



mucilagem, vêm apresentando forte crescimento nos últimos anos. É interessante ressaltar o caso da Arábia Saudita que compra praticamente toda a produção de arábica natural da região de Harrar, o que reforça a valorização dessa origem nos demais mercados devido à raridade. Em meados do ano passado houve um episódio que prejudicou fortemente as exportações de café etíope para o Japão, até então seu principal cliente. Foi encontrado resíduo acima dos limites permitidos para inseticidas clorados em lotes de café, o que chegou a interromper as vendas para o país asiático. Uma investigação do governo etíope apontou a sacaria de juta como fonte da contaminação e houve determinação para que toda a sacaria usada fosse queimada. No entanto, o governo japonês não se deu por satisfeito, pois não foi explicado como a sacaria foi contaminada e o fato é que as torrefações japonesas buscaram substituir o produto etíope. Em novembro de 2008, foram importadas da Etiópia apenas 900 sacas, contra 48,85 mil, em novembro de 2007. Os estoques de passagem, tanto no início do ano safra 2007/08 quanto em 2008/09, são estimados entre 0,9 e 1,3 milhões de sacas, projetando um volume exportável de até 3,9 milhões de sacas. Os cafés naturais etíopes estão entre os principais concorrentes dos naturais brasileiros no mercado mundial, especialmente para preparos de espresso, que requerem menor acidez na bebida. A Etiópia apresentou um crescimento de produção na última década bastante expressivo em termos percentuais. Entretanto, em termos absolutos, o crescimento foi de apenas um milhão de sacas. Além de que, dado às limitações econômicas, estruturais e de logística, bem como às turbulências recentes, por conta dos conflitos armados, é pouco provável que a Etiópia eleve substancialmente sua produção, a ponto de, por si só, ameaçar significativamente a participação brasileira no mercado mundial de café commodity. O aumento da produção etíope deve sim ser confrontado com a estagnação da produção brasileira de arábica, pois o país africano pode vir a atender uma parcela do crescimento da demanda desse tipo de café que, tudo parece indicar, poderá não ser suprida pelo Brasil. Já no nicho de cafés especiais a ameaça está concretizada, pois os cafés etíopes vêm crescentemente ocupando espaço dos especiais brasileiros, cuja exportação tem crescido pouco. O marketing do café etíope pode se fortalecer ainda mais se concretizada a rede de distribuição proposta pela Iniciativa de Licenciamento. Um grande e variado grupo de distribuidores comprometidos com a divulgação do café etíope tem o potencial de espalhar os conceitos de qualidade e sustentabilidade atrelados às suas marcas. Um exemplo claro de ocupação de parcela do mercado de specialty ocorre no próprio varejo brasileiro onde já é possível encontrar nas cafeterias de alto luxo café da Etiópia importado para o Brasil, após industrialização no exterior. Os naturais e o CD brasileiros, por suas características de bom corpo e acidez moderada, são bons substitutos para os cafés da Etiópia. A queda das importações de café etíope pelo Japão, por conta da contaminação por defensivos, abriu uma boa oportunidade de aumento das vendas brasileiras para o país asiático. As vendas brasileiras para o país asiático caíram 3,28%, em 2008, mas, o segundo semestre apresentou melhor desempenho que o mesmo período de 2007. Contudo,



tal resultado pode estar relacionado com a entrada em comercialização da safra 2008/09, ano positivo no ciclo bienal do arábica brasileiro. Há também informações oriundas do Japão dando conta de que, para suprir a falta da matéria-prima do país africano, as torrefadoras japonesas têm optado por lançar novos produtos com outras características de bebida e feitos com café de outras origens, por exemplo, Colômbia e América Central. Noutro sentido, poderia até existir a oportunidade de importação de café verde etíope para re-exportação, em regime de drawback, complementando o portfólio das indústrias brasileiras ou mesmo disponibilização no mercado interno de cafeterias de alto luxo. Porém, há claras limitações dadas pelo alto custo da matéria-prima da Etiópia e pela grande distância para o Brasil, com dificuldades na logística de transporte marítimo. O produto industrializado no Brasil teria que enfrentar a concorrência de café vendido diretamente da Etiópia para a Europa, sem os custos de deslocamento entre África e América do Sul. A importação para torrefação no Brasil e consumo no mercado interno de cafeterias de luxo talvez seja um pouco mais viável, devendo-se, no entanto, levar em conta os pequenos volumes envolvidos e as grandes dificuldades a ser contornadas. Mas, para que seja se possa ao menos pensar nestas duas últimas oportunidades, é necessária que a cadeia produtiva dos cafés do Brasil tome, em conjunto e após contemplar seus prós e seus contras, a decisão política de estabelecer o país como uma base industrializadora de café, removendo gargalos e barreiras a seu desenvolvimento. Um grande potencial existente para contribuição etíope à cadeia produtiva brasileira vem do fato daquele país ser centro de origem do café arábica. É importante desenvolver a possibilidade de importação de material genético para uso em programas de melhoramento. Este intercâmbio com o Brasil já foi realizado em 1964, quando missão oficial dirigida pela FAO trouxe material para IAC, entre eles as plantas que produzem café com teor de cafeína de apenas 0,07% identificadas por pesquisadores do Instituto e da UNICAMP em artigo publicado na revista Nature em 2004. Nota explicativa: Nos primeiros exemplares dos relatórios de Inteligência da Concorrência, buscou-se fazer, no item contexto, uma descrição um pouco mais detalhada da cadeia produtiva do café nos países abordados, como forma de nivelar o conhecimento dos leitores.



Referências Bibliográficas

Arquivos de Pesquisas Históricas do Autor

Arquivos Fotográficos do Autor

Fotos de Domínio Público da Internet (buscadores)

Biblioteca Pública Altino Arantes de Ribeirão Preto - Fundação Sinhá Junqueira

Ethiopia Organization for Social Science Research

Early Pliocene hominids from Gona, Ethiopia

Museu Nacional de Arqueologia

National Academy of Sciences (PNAS)

Le Coran Et La Science (Alcorão)

Portal São Francisco

Rede Diplomática Francesa

Governo da Ethiopia

Bíblia Sagrada

Science Café

Wapédia.com

Tesozillo.com

Islamavila

Kalipédia

Klicknet da Educação

Fabidread&i

Wikipédia

Jah Pubblicazione

Dererummundi

Revista Mundo

Wiklingue

Yujapi

Artehistória

CNNBA

Civilizações Africanas

Enigmas da África

Capncestfini

Proel.Org

Trwadvisor

Plano Ito Histórico

Nature Science



As verdadeiras 'Rainhas do Café' do Brasil

1825

Maria Benedita Gonçalves Martins

Fazenda Babilônia

Resende RJ

1875

Iria Aves Ferreira

Fazenda Pau Alto

Distrito de Bonfim Paulista SP

1877

Dona Francisca Silveira do Val

Fazenda Santa Thereza

Distrito de Bonfim Paulista SP

Senhora Nazareth Dias Pereira

Matriarca da Família Sertão

Unique Café Especiais

Fazenda Santa Inês

Carmo de Minas MG

Os verdadeiros 'Reis do Café' do Brasil

Grande surpresa (novas descobertas vão mudar o rumo da história)